

BULLYING NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE CURITIBA-PR: UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA

Valdeci de Assis Teixeira¹, Eliane Valmeri Coladith¹, Rosália de Lima Jacomel¹,
Leandra Ulbricht², Eduardo Borba Neves^{1,2}

RESUMO

Introdução: Esta pesquisa enfocou um subtipo de violência conhecida internacionalmente como *Bullying*, que pode ser caracterizada como uma forma de agressão física e/ou psicológica, com caráter repetitivo e persecutório no meio escolar. **Objetivos:** Identificar a ocorrência de *Bullying* na rede de escolas municipais do município de Curitiba-PR, caracterizando os envolvidos e as agressões praticadas e/ou sofridas, sua associação ao baixo rendimento escolar e à organização familiar. **Metodologia:** Foi realizada uma pesquisa exploratória com 1200 estudantes de 5^a a 8^a séries de quatro escolas da rede de ensino fundamental do município de Curitiba. Destes, 964 responderam a um instrumento de pesquisa para caracterização e avaliações comportamentais dos envolvidos. **Resultados:** O estudo determinou a existência *Bullying* em todas as séries, gêneros e raças pesquisadas, como também identificou uma prevalência de 18,78%. **Conclusão:** A prevalência do *Bullying* nas escolas municipais de Curitiba está um pouco acima de outras cidades brasileiras e que, neste caso, estava associado a cor da pele (negros e pardos tinham maior risco de sofrer agressões), sexo (meninos praticavam mais *Bullying*) e que os agressores tinham maior risco de fracasso no rendimento escolar. **Palavras-chave:** *Bullying*; agressividade; violência escolar; violência doméstica.

ABSTRACT

Introduction: This research focused on a subtype of violence known internationally as bullying, which can be characterized as a form of physical aggression and / or psychological, with repetitiveness and persecution at school. **Objectives:** To identify the occurrence of bullying in the network of public schools in the city of Curitiba-PR, featuring involved and applied aggression and / or suffered its association with poor academic performance and family organization. **Methods:** We performed an exploratory survey of 1200 students from 5th to 8th grade schools in the four elementary schools in the city of Curitiba. Of these, 964 responded to a research tool for characterization and behavioral assessments of those involved. **Results:** The study determined the existence of bullying in all grades, genders and races studied, but also identified a prevalence of 18.78%. **Conclusion:** The prevalence of bullying in schools in Curitiba is a bit higher than other Brazilian cities and in this case was associated with skin color (blacks and browns had a higher risk of assault), sex (more boys practiced Bullying) and that the perpetrators had greater risk of failure in school. **Keywords:** Bullying; aggression; school violence; domestic violence.

1. Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba-PR.

2. Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: borbaneves@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Diariamente os meios de comunicação divulgam episódios de violência que ocorrem não apenas nas ruas, mas também nos lares, trabalho e até mesmo dentro das escolas¹. Nas escolas, a massificação do número de matrículas que ocorreu nas últimas décadas, tem reunido em um mesmo ambiente, alunos oriundos de famílias com diferentes níveis educacionais, sociais e econômicos. Essas desigualdades podem resultar em conflitos, transformando a escola, que não se preparou adequadamente, em um campo para a manifestação de episódios de violência^{2,3,4,5}.

A agressividade é difícil de caracterizar, pois pode ser um comportamento ocasional e se manifestar de diferentes maneiras⁶, e pode ser definida como um comportamento que é prejudicial e/ou causa danos físicos ou morais⁷. Nos últimos anos, a sua prevalência tem aumentado, inclusive nos ambientes escolares, tornando relevante o estudo da violência na escola^{8,9}.

A violência escolar abrange as diferentes atitudes anti-sociais e/ou agressivas que se desenvolvem em ambiente escolar, como por exemplo os danos ao patrimônio, os furtos, os conflitos interpessoais, as agressões psicológicas e físicas¹⁰. Apesar das consequências, na maioria das escolas brasileiras este problema tende a ser negligenciado, por ser encarado como inevitável e resultante de uma fase transitória^{11, 12,13}.

Esse tipo de violência tem se tornado objeto de investigação dos estudos acadêmicos^{11,14,13}, que utilizam o termo *Bullying*, de origem inglesa derivado do verbo *to bully*, empregado na ação de maltratar⁹, para designar os comportamentos agressivos que ocorrem no ambiente escolar. Estes comportamentos que de forma intencional e/ou repetitiva, sem motivos específicos, persistem na finalidade de causar danos morais ou físicos, em um ou mais estudantes considerados mais fracos, acabam por torná-los incapacitados à defesa, criando um ambiente desigual de poder^{11,15,16,17}.

No *Bullying* cuja agressão é direta, este pode se caracterizar pela agressão física ou verbal. O abuso físico abarca ações como chutes, socos, pontapés, empurrões, roubo ou danos aos pertences e na agressão verbal visualiza-se atitudes como insultar, criar apelidos, humilhar, fazer comentários racistas discriminatórios e/ou homofóbicos e até mesmo aterrorizar¹⁸.

Já na forma indireta o *Bullying* pode se manifestar através de mexericos que

levam ao isolamento ou a exclusão social. Sendo que estes ataques, também podem ocorrer por via eletrônica (*Bullying* Eletrônico ou Cyberbullying)¹⁹.

Os autores do *Bullying* geralmente populares e mais fortes que suas vítimas, possuem uma tendência a desenvolver comportamentos de risco como portar armas, fumar, consumir drogas e ingerir bebidas alcoólicas. Devido a isto, acabam na maioria das vezes a adotar práticas delinquentes, criminosas ou comportamentos anti-sociais, podendo tornar-se adultos violentos^{20,21,22,23}.

As vítimas do *Bullying* em contrapartida, em geral mais fracas, tímidas e inseguras que seus agressores, possuem mais chances de desenvolver dores abdominais e/ou de cabeça, insônia e enurese noturna. Além disso, podem desenvolver quadros de angústia, estresse, depressão, o que pode levar a diminuição da auto-estima, evasão escolar, atitudes de autoflagelação e em casos mais extremos ao suicídio^{8,24,25,26,27}.

O *Bullying* é testemunhado pela maioria dos alunos que presenciam as agressões e dizem não intervir por medo de que a violência se volte contra eles. Este silêncio ajuda a encobrir as agressões, e a falta de punição acaba por transformar as testemunhas em agressores, como uma forma de atingir popularidade e poder^{10,25,28,29}.

A Lei 7.498/86/MS³⁰ descreve que os profissionais de saúde devem estar capacitados para elaborar, executar e participar de ações que possam minimizar e/ou cessar atitudes que possam colocar em risco a integridade física e psicológica das pessoas. Neste sentido, este estudo teve por objetivo identificar a ocorrência de *Bullying* na rede de escolas municipais do município de Curitiba-PR, caracterizando os envolvidos e as agressões praticadas e/ou sofridas, sua associação ao baixo rendimento escolar e à organização familiar.

MATERIAL E MÉTODOS

Foi realizado um estudo exploratório com 964 sujeitos de ambos os sexos, estudantes de quinta a oitava séries do ensino fundamental de quatro escolas municipais de Curitiba - Paraná.

O instrumento de pesquisa sobre violência escolar e *Bullying* foi elaborado na

forma de questionário contendo 32 questões fechadas de múltipla escolha, tendo como base o questionário criado pela instituição inglesa KIDSCAPE, utilizado e divulgado no Brasil pela Associação Brasileira de Proteção a Infância e Adolescência-ABRAPIA. As adaptações e ajustes se fizeram necessários para obtenção de dados mais específicos referentes às situações ambientais que poderiam influenciar na construção do comportamento agressivo. Adicionalmente, em algumas questões foi aberta a possibilidade de assinalar até três opções.

Para o início da pesquisa de campo, o projeto foi previamente avaliado pelo Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos do Centro Universitário Campos de Andrade sob protocolo nº 430, recebendo parecer favorável em 18/11/2011. Esse projeto também foi anteriormente avaliado pela Gerência Pedagógica do Departamento de Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação do Município de Curitiba, recebendo a autorização em 27/10/2011 para realização da pesquisa nas onze escolas municipais que possuem as séries finais do ensino fundamental sob os critérios de aprovação e consentimento da direção de cada escola.

Todas as escolas municipais que possuíam turmas de 5ª à 8ª séries foram visitadas, e em contato com cada diretoria foram apresentados e esclarecidos os propósitos do estudo. Devido a questões como período de provas e falta de calendário, apenas quatro escolas forneceram autorização para realização da pesquisa e se responsabilizaram para o encaminhamento dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido a todos os responsáveis pelos alunos, solicitando autorização para participarem no estudo.

Somente participaram deste estudo os alunos que entregaram o Termo devidamente assinado pelos pais ou responsáveis e a coleta de dados ocorreu nas salas de aulas com a supervisão dos pesquisadores e professores de cada turma.

As escolas participantes do estudo estão localizadas em regiões e bairros diferentes, o que tornou possível diversificar os níveis socioeconômicos e culturais da população envolvida na pesquisa. A escola "A" localizava-se em um bairro considerado de classe média alta, a escola "B" situava-se numa região considerada como classe baixa, a escola "C" de classe média baixa e a escola "D" de classe média.

A coleta de dados ocorreu nos meses de Novembro e Dezembro de 2011,

sendo precedida por uma palestra, para cada turma, onde foram desenvolvidos os temas: escola, adolescência, agressividade, Estatuto da Criança e Adolescentes - ECA, Mapa da violência 2011 e *Bullying* (definição, características e consequências para a saúde dos envolvidos). A palestra foi ministrada pelos pesquisadores do projeto com recursos audiovisuais (apresentação em Power Point e de dois vídeos), tendo duração aproximada de 40 minutos, com o objetivo de esclarecer sobre o tema visando diminuir as dúvidas para o preenchimento do questionário.

Além disso, os alunos foram informados quanto ao anonimato, voluntariedade, e o direito de receber respostas às suas dúvidas em relação ao questionário, e à liberdade de deixar de participar do estudo em qualquer momento, sem que isso pudesse lhes causar qualquer forma de prejuízo.

A discussão deste estudo foi elaborada a partir dos casos onde a agressão ocorreu por mais de uma vez caracterizando *Bullying* (questão 28), relacionando a possíveis causas e consequências. Não foram considerados os dados relativos aos 49% dos autores/agressores (questão 22), como também 54% das vítimas (questão 13) por não se configurar *Bullying*. De acordo com Pizarro e Jiménez¹³ para uma agressão ser configurada como *Bullying*, esta deve ocorrer de forma repetida e intencional entre pares sem que haja motivos evidentes que justifiquem a agressão.

O tratamento dos dados foi realizado por meio da estatística descritiva com medidas de posição e cálculo do risco relativo para algumas situações específicas que poderiam influenciar o fenômeno do *Bullying*.

RESULTADOS

De acordo com os dados mencionados, a pesquisa foi realizada com 964 sujeitos, sendo 47% do sexo feminino e 53% do sexo masculino e esta amostra foi composta por 43% de estudantes da quinta série, 35% da sexta série, 18% da sétima séries e apenas 4% por uma turma de oitava série do Ensino Fundamental, como é possível observar na Tabela 1.

Tabela 1. Idade e série escolar dos participantes da pesquisa sobre *Bullying*, Curitiba-PR, 2011

Idade	5ª série	6ª série	7ª série	8ª série	Total	Percentual
10 anos	21	-	-	-	21	2%
11 anos	272	13	-	1	286	30%
12 anos	85	216	12	-	313	32%
13 anos	17	65	105	7	194	20%
14 anos	13	40	38	20	111	12%
15 anos	6	5	13	3	27	3%
16 anos	1	3	6	2	12	1%
Total	415	337	174	33	964	100%

Ocorreu uma concentração de participantes no intervalo de 11 a 14 anos de idade, sendo que mais de 60% da amostra está na faixa etária de 11 a 12 anos.

Na amostra pesquisada, 51,87% se consideravam como de cor branca, 44,81% de cor parda, 2,90% cor negra e outros 0,42% não souberam definir. Para calcular-se o risco relativo agregou-se o número de pardos e negros e verificou-se que a cor da pele não interferiu com a prática do *Bullying* apresentando risco relativo (RR) de 1,06 (IC 0,93-1,21), pois não existe risco relativo quando o intervalo de confiança (IC) do risco contiver valores iguais ou menores que 1,00.

Contudo, quando se verificou o risco de sofrer *Bullying*, os negros e pardos apresentam maior risco de sofrer agressões na escola RR de 1,16 (IC 1,03-1,31) do que os brancos. A cor da pele também influenciou no risco de sofrer ou presenciar agressividade no lar, onde os negros e pardos apresentaram maior risco RR de 1,39 (IC 1,16-1,67) do que os brancos.

Quanto ao *Bullying*, 18,78% dos participantes afirmaram já ter sofrido do mesmo sendo que destes 55,8% foram do sexo feminino e 44,2% do sexo masculino (Tabela 2), sendo que o RR de sofrer de *Bullying* foi de 1,25 (IC 1,07-1,45) entre as meninas quando comparado com os meninos. Já quanto ao risco relativo de praticar *Bullying* este foi de 1,41 (IC 1,23-1,62) entre os meninos quando comparado com as meninas.

Tabela 2. Características dos envolvidos com o *Bullying*, Curitiba-PR, 2011

Tipologia	Masculino (%)	Feminino (%)	Total (%)
Já sofreram <i>Bullying</i> em ambiente escolar			
Sim	80 (44,2%)	101 (55,8%)*	181 (18,78%)
Já praticaram <i>Bullying</i> em ambiente escolar			
Sim	288 (61,67%)*	179 (38,33%)	467 (48,44%)
Qual a frequência que essa agressão vem acontecendo			
Uma vez por semana	26 (32,5%)	25 (24,75%)	51 (28,18%)
Várias vezes por semana	35 (43,75%)	47 (25,96%)	82 (45,30%)
A semana inteira	19 (23,75%)	29 (28,71%)	48 (26,52%)
Total	80 (44,20%)	101 (55,80%)	181(100,00%)
Alunos vítimas de <i>Bullying</i> que também eram agressores (vítimas agressoras)			
Vítima/Agressoras	57 (50,89%)	55 (49,11%)	112 (61,87%)

*Maior Risco Relativo (RR)

Chama a atenção que 61,87% dos entrevistados que sofriam *Bullying*, eram também agressores e esta agressão ocorria várias vezes por semana para 45,3% dos entrevistados (tabela 2), geralmente no recreio (36%) ou na entrada e saída da escola segundo 28% dos entrevistados (Tabela 3).

Quanto ao arranjo familiar do respondente, mais da metade dos alunos pesquisados tinham pais morando juntos (46% com pai, mãe e irmãos; 21% somente com pai e mãe; 20% somente com mãe, 4% somente com o pai, 6% com os avós; outros 3%).

Com relação ao ambiente familiar a grande maioria 62,45% dos sujeitos da pesquisa declararam que seus pais costumam discutir e/ou brigar frequentemente; 36,10% afirmaram que seus pais nunca brigavam e, 1,45% não responderam a esta questão. Quanto a sofrerem agressão física, verbal e/ou psicológica dentro de casa 66,40% referiram que nunca sofreram qualquer forma de agressão em ambiente familiar; 32,46 relataram sofrer algum tipo de agressão em casa e 1,14% não responderam.

Tabela 3. Local onde ocorria a violência no ambiente escolar, Curitiba-PR, 2011.

Local	Total	Percentual
Recreio	343	35,58%
Entrada ou saída da escola	271	28,11%
Sala de aula	158	16,39%
Não respondeu	117	12,14%
Corredores	29	3,00%
Outro	22	2,28%
Banheiro	20	2,07%
Pátio	4	0,04%
Total	964	100,00%

Com referência a agressão sofrida dentro de casa, houve um predomínio da agressão na sua forma verbal relatada por 33,92% dos respondentes, seguida de 25,13% na forma física, 18,58% emocional, 9,43% preconceito e, 0,80% declararam sofrerem agressão na forma sexual em ambiente doméstico. Por motivos inespecíficos 12,4% dos entrevistados não responderam a essa questão. Em relação ao convívio familiar 46,68% dos respondentes o consideravam como ótimo e 25,52% como bom.

Dos 467 (48,84%) alunos que apresentaram comportamento agressivo em ambiente escolar, 288 (61,67%) eram meninos e 179 (38,33%) eram meninas. Os meninos tiveram na agressão física (46,58%) a forma predominante de violência praticada, seguida pelo modo verbal (37,81%), preconceituosa (6,13%), emocional (4,53%) e na forma sexual (2,83%), não respondendo essa questão 2,12%.

Entre as meninas observa-se uma inversão na modalidade de agressão mais executada tendo nas agressões verbais (58,34%) a sua maior incidência, seguida pelas físicas (25,90%), as emocionais (6,42%), preconceituosas (5,90%) e sexuais (1,27%), 2,17% não responderam a questão.

Dos 964 sujeitos da pesquisa 432 (44,81%) alegaram já terem ficado em recuperação e destes, 272 (62,96%) reprovaram de ano. Do total de autores de atos violentos, 233 (49,89%) já ficaram em recuperação em uma ou mais matérias; 154

(32,98%) já reprovaram e 290 (62%) destes referem que seus pais brigam. Quanto às vítimas, 87 (48,06%) já ficaram em recuperação e 48 (26,52%) reprovaram de ano (Tabela 4).

Tabela 4. Local onde ocorria a violência no ambiente escolar, Curitiba-PR, 2011

	Sofrem <i>Bullying</i>	Não sofrem <i>Bullying</i>	Praticam <i>Bullying</i>	Não Praticam <i>Bullying</i>
Ficaram em recuperação	87 (48,06%)	345 (44,06%)	233* (49,89%)	199 (40,04%)
Passaram de ano direto	94 (51,94%)	438 (55,94%)	234 (50,11%)	298 (59,96%)
Total	181 (100%)	783 (100%)	467 (100%)	497 (100%)
Foram reprovados	48 (26,52%)	224 (28,61%)	154* (32,98%)	118 (23,74%)
Passaram de ano	133 (73,48%)	559 (71,39%)	313 (67,02%)	379 (76,26%)
Total	181 (100%)	783 (100%)	467 (100%)	497 (100%)

*Maior Risco Relativo (RR)

Não houve relação significativa entre sofrer *Bullying* e o desempenho cognitivo, quando considerado os números de alunos em recuperação (RR = 1,09 / IC = 0,92-1,29) ou reprovados. (RR = 0,93 / IC = 0,71-1,21), pois o intervalo de confiança do risco relativo contém valores $\leq 1,00$.

Entretanto, os alunos que praticam *Bullying* apresentaram maior risco de ficarem em recuperação RR = 1,25 (IC 1,08-1,43) e de reprovação RR = 1,39 (IC 1,13-1,70) quando comparado com os demais que não praticam o *Bullying*.

Apesar de 181 (18,78%) dos entrevistados descreverem agressões no ambiente escolar que foram consideradas como *Bullying*, a violência não se limitou a estes discentes, pois 512 alunos declararam ter sofrido algum tipo de agressão em ambiente escolar, 237 (52,5%) eram do sexo feminino e destas 40,6% referiram agressão do tipo verbal; 275 (53,6% eram do sexo masculino, destes 33% descreveram agressões do tipo físico e outros 33% do tipo verbal). Esta informação

torna relevante acompanhar os casos de violência escolar, pois na falta de uma política de intercepção das causas, estas podem se perpetuar aumentando o número de discentes que acabam por sofrer *Bullying*.

A violência é um fenômeno relevante nas escolas brasileiras e em Curitiba não foi diferente, pois cerca de 78% dos alunos pesquisados informaram já terem visto um colega ser maltratado no ambiente escolar. O que é um indício de que o *Bullying* está presente nas escolas investigadas.

DISCUSSÃO

Com a definição da pesquisa, tem-se claramente a confirmação da existência de *Bullying* com prevalência de 18,78% nas escolas municipais de ensino fundamental da cidade de Curitiba. Para a violência escolar ser caracterizada como *Bullying*, os respondentes deveriam responder sim a questão que indagava sobre os sentimentos de exclusão, ameaça e perseguição. Além disso, que estas situações deveriam estar presentes de forma frequente (mais de uma vez por semana), pois de acordo com Pereira³¹, Pizarro e Jiménez¹³ o *Bullying* é caracterizado pela intencionalidade, atos repetitivos e sem motivo aparente.

A taxa percentual da prevalência de *Bullying* encontrada nas escolas municipais de ensino fundamental de Curitiba foi superior as relatadas em outras pesquisas realizadas tanto no Brasil como em outros países. Estudos realizados na Suécia, revelaram que 15% dos alunos tinham envolvimento com atos de *bullying* nas escolas^{7,27}. Na cidade do Rio de Janeiro foi realizada uma pesquisa nas escolas de ensino fundamental comprovando que 16,9% dos alunos sofreram ou praticaram *bullying*¹⁰. Outra pesquisa realizada em escolas de ensino fundamental do município de Pelotas – RS constatou a existência de *Bullying* com prevalência de 17,6%³². Estes estudos reforçam a importância de se estudar este tema que parece estar presente em todas as séries de qualquer ambiente público ou particular de ensino, independentemente de nível social, localização ou País.

Com relação ao ambiente familiar, 62,45% dos respondentes presenciavam brigas frequentes entre os pais, mas ao mesmo tempo, 66,40% referiram que nunca sofreram qualquer forma de agressão em ambiente familiar, considerando este

ambiente como ótimo (46,68%) ou bom (25,52%).

Diversos pesquisadores defendem a observação à determinadas condições socioambientais que podem influenciar no surgimento do comportamento agressivo^{33,34}. No ambiente escolar a agressividade apresentada pode ser o reflexo de padrões vivenciados no relacionamento familiar e/ou aprendidos na comunidade como também, resultante de experiências negativas e frustrantes com outros colegas ou professores, ou pela visualização de modelos inadequados para o desenvolvimento comportamental da criança³⁵⁻³⁶.

Dos alunos que configuraram como sendo autores/agressores nos processos caracterizados como *bullying* no ambiente escolar, 61,67% foram identificados como meninos e 38,33% como meninas. Esses resultados vão ao encontro aos estudos realizados por Liang, Fisher e Lombard³⁷, os quais afirmam que essas intimidações são mais frequentes entre os meninos que geralmente utilizam a forma física da agressividade. Já o *bullying* entre as meninas tende a ser mais difícil de ser percebido³⁸, pois elas costumam adotar maneiras mais indiretas para a intimidação.

Gini e Pozzoli³⁹ declaram que a diferença entre os gêneros não estão relacionadas somente a incidência da agressão, mas sim ao tipo da agressividade praticada e/ou sofrida, como o visualizado nesta pesquisa onde as meninas tiveram maior predominância para executarem as agressões do tipo verbal (58,34%), tendo em segundo plano (25,90%) as agressões físicas. Já para os meninos verificou-se o predomínio das agressões físicas (46,58%) seguidas pelas agressões verbais (37,81%).

Atualmente tem se observado um notável aumento no número de meninas envolvidas em casos de agressividade escolar, as quais, visando status e poder, vêm copiando o comportamento agressivo praticado pelos meninos⁴⁰.

Dos alunos vitimizados pelo *bullying*, apurou-se que 55,8% eram do sexo feminino e o restante (44,2% do sexo masculino). De acordo aos estudos de Heatherton e Wyland⁴¹ as meninas tem sua autoestima fortemente influenciada pelos relacionamentos, enquanto que os meninos pelo sucesso dos objetivos.

As consequências da vitimização sofridas pelo *Bullying* que impactam na saúde são graves e abrangentes¹⁵. A saúde mental que está relacionada à sensação de bem estar e muito influenciada pela autoestima tende a ser impactada, pois a exposição a certos fatores negativos como o *Bullying* pode resultar em baixa da

autoestima³⁶, baixa resistência imunológica, podendo ainda ter comprometido o processo de formação da personalidade do indivíduo, possibilitando o desenvolvimento de sintomas psicossomáticos, estresse e de transtornos psicológicos. Como por exemplo, a apresentação de quadros depressivos com manifestações de sentimentos de vingança e/ou pensamentos suicidas⁴².

Nas pesquisas realizadas por Fante⁹ e Lopes Neto¹¹, foi constatado que o processo de agressão e vitimização entre alunos ocorrem em maior intensidade dentro das salas de aula. No entanto, Pereira³¹ concluiu em seus estudos que o *Bullying* se manifesta com maior incidência durante o horário do recreio.

Nesse estudo foi possível concluir que em 35,6% dos casos que se configuram como *Bullying* se manifestam com maior frequência durante o recreio, seguido por 28,20% que responderam ocorrer na entrada e saída de alunos e 16,5% nas salas de aula. Salieta-se que o *Bullying* durante o horário do recreio pode ser favorecido, por existir um grande número de alunos em circulação, supervisionados por alguns profissionais que, por serem em pequeno número e/ou despreparados para a função negligenciam ou naturalizam a situação dificultando a prevenção. O mesmo pode ocorrer na parte externa da escola onde não há qualquer forma de supervisão ou nas salas de aula, durante a troca e/ou ausência de professores.

A análise dos dados possibilitou avaliar que 48,06% dos alunos vitimizados pelo *Bullying* têm dificuldades de aprendizado, dos quais 26,51% já reprovaram em alguma matéria, mas não ocorreu relação significativa entre sofrer *Bullying* e o desempenho cognitivo. Entretanto, os alunos que praticavam *Bullying* apresentaram maior risco de ficarem em recuperação e de reprovar. De acordo com Bolsoni-Silva et al.⁴³, o fracasso escolar pode causar frustração e, na tentativa de amenizar estas situações embaraçosas vivenciadas fracassos repetidos, estas crianças acabam por adotar a agressividade como única forma à protegê-los.

Esta pesquisa verificou que 61,87% dos entrevistados que sofriam *Bullying*, foram também classificados como agressores. Esses alunos são identificados por serem extremamente impopulares, rejeitados e maltratados pelos outros alunos^{11,42,19}. Além da violência, eles costumam apresentar altos índices de outros problemas comportamentais onde se destacam a impulsividade e hiperatividade o que os torna emocionalmente reativos.

Alguns professores e/ou diretores não estão preparados para lidar com o

Bullying, e classificam os alunos agressores como problemáticos ou inconsequentes, e em geral encontram alguma forma de puni-los pela conduta apresentada, acabando por torná-los mais alienados e hostis⁴⁴. Esse tipo de postura perpetrada pelos professores e/ou diretores fazem com que estes alunos agressivos, também se sintam rejeitados, diminuindo a autoestima com consequente desmotivação, acabando por torná-los cada vez mais intolerantes às frustrações e desrespeitosos às normas sociais.

Vários estudos⁴⁵⁻⁴⁸ apontam que crianças que presenciam violências interparentais apresentam maior probabilidade de apresentarem problemas comportamentais com o desenvolvimento dos conflitos interpessoais, a agressividade, impulsividade e a hiperatividade, do que àqueles que não presenciam tais atos.

Apesar de este estudo mostrar, que a maior parte dos alunos classificavam o seu ambiente doméstico como ótimo ou bom, 52% declararam terem sido vítimas de alguma forma de agressão praticada pelos pais, sendo a do tipo verbal a forma mais predominante (36%). Mas chama a atenção que dos alunos que sofreram violência doméstica 70% configuram-se como autores e 76% como vítimas das atitudes agressivas praticadas por outro(s) aluno(s) na escola.

Esse tipo de comportamento violento precisa ser identificado e tratado para não resultar em consequências físicas ou psíquicas, que pode auxiliar na manutenção desse comportamento na fase adulta, transformando estas crianças em adultos violentos e antissociais tendendo a delinquência e à criminalidade^{33,47-48}.

Diversos pesquisadores^{9,11,18,25,27} sinalizam para a suscetibilidade aos diversos problemas de saúde, que podem ser explicados porque como ainda são crianças ou adolescentes, ainda não desenvolveram totalmente sua autopercepção para superação dos estressores.

Os quadros de imunossupressão podem ser explicados pelos constantes choques emocionais e agressões externas originadas pela vitimização constante, o que leva o organismo a necessidade de compensar ou adaptar-se a estas situações estressoras. Se estas situações não forem superadas, podem acarretar o desenvolvimento de um quadro crônico de estresse resultante da elevação contínua do cortisol (imunossupressor) em detrimento a baixa elevação da adrenalina e prolactina (imunoestimulantes)^{49,50-52}. Esta baixa na imunidade acaba por possibilitar

o surgimento de uma série de patologias como doenças psicossomáticas, depressão e desenvolvimento de transtornos mentais.

As consequências desse fenômeno, quando não superado, podem resultar em graves eventos como o que ocorreu em 1999 nos Estados Unidos, quando dois ex-alunos adolescentes invadiram e mataram um professor e mais doze estudantes na Columbine High School, no Texas, deixando outros trinta feridos⁵³⁻⁵⁴. Em 2007 um aluno de origem sul-coreana radicado americano, disparou e matou trinta e duas pessoas entre alunos e professores no Polytechnic Institut and State também nos Estados Unidos⁵⁵.

O Brasil também já registrou caso semelhante quando no ano de 2011, no bairro do Realengo, cidade do Rio de Janeiro, um ex-aluno invadiu a Escola Municipal Tasso da Silveira disparando e matando doze alunos⁵⁶.

Em comum a todos esses eventos, relata-se o final trágico com várias mortes, inúmeros feridos e o suicídio de seus autores os quais, foram considerados como vitimizados pelo *Bullying* em ambiente escolar. Casos semelhantes também ocorreram na Alemanha, no Canadá e Suécia dentre outros países⁵⁷.

Frente a essas tragédias consequentes da vitimização e pela necessidade em divulgar as causas e possíveis consequências biopsicossociais do *bullying* na saúde dos envolvidos, como também e facilitar na resolução dos resultados fez-se necessário a elaboração de políticas educativas que possam identificar e interceptar a ocorrência do Bullying no ambiente escolar.

Palestras educativas podem fazer parte desta política, como as ministradas como parte deste estudo que foram ministradas com ênfase para as consequências na saúde. Apesar da maioria dos alunos já terem conhecimento sobre o tema, 78% consideraram a palestra como importante e esclarecedora. Este resultado demonstra a importância do envolvimento dos profissionais de saúde no ambiente escolar, para desenvolver ações preventivas em referência a atenção primária á saúde de cada paciente, sobretudo na fase da adolescência.

Em estudo realizado na Dinamarca⁵⁸ concluiu-se que houve uma redução de 95% dos casos de vitimização após a intervenção por profissionais de saúde na educação e prevenção em saúde dentro dos ambientes escolares. No Brasil, as palestras educativas em saúde fazem parte dos serviços sociais realizados pelos profissionais responsáveis pela prevenção e manutenção da saúde na área de sua

abrangência, tendo por objetivo informar, orientar e conscientizar sobre a realidade presente, levando a população a refletir e priorizar mudanças de atitudes e hábitos com adoção de práticas saudáveis que possibilitem eliminar e/ou minimizar problemas que possam se tornar em agravos para a saúde tanto no âmbito individual como coletivo. Lopes Neto¹¹ considera que todos e quaisquer meios que possibilitem minimizar a prevalência e incidência dos casos de *Bullying* no contexto escolar se constituem como medidas de promoção e prevenção de saúde altamente efetivas para este século.

Assim, torna-se real a necessidade de novos estudos sobre esse tipo de comportamento violento que tantos danos causam as crianças e adolescentes em período escolar, os quais, podem vir a alicerçar a implementação de políticas públicas relativas à identificação e intervenção precoce ao *Bullying*, minimizando a ocorrência desse problema no contexto escolar como também, o desenvolvimento de programas^{44,59}, que visem conscientizar pais, alunos e comunidade sobre o fenômeno e, capacitar os diferentes profissionais envolvidos na educação da criança quanto a identificação, prevenção e/ou resolução do problema. Essas medidas tornam-se cruciais na redução e prevenção ao *Bullying*, o que pode resultar numa diminuição considerável do número de doenças psíquicas, dos casos suicidas, delinquências e criminalidades futuras.

CONCLUSÃO

Atualmente, o *Bullying* vem sendo considerado como um problema de saúde pública presente em todas as partes do mundo, não se configurando como doença, mas sim, um fenômeno a tornar-se fator de risco para o desencadeamento de diversos agravos a integridade física e/ou psíquica relacionado à saúde dos envolvidos.

Este estudo possibilitou, através dos dados obtidos, evidenciar a presença de comportamentos violentos nas escolas pesquisadas de Curitiba, podendo determinar uma prevalência de 18,78% de casos de *Bullying*.

Foi possível verificar que a cor dos envolvidos foi um fator de risco tanto para sofrer agressões no ambiente escolar, como para presenciar agressividade no

ambiente familiar.

Quanto ao sexo, os alunos do sexo masculino eram os que mais praticavam *Bullying* e os do sexo feminino eram quem mais sofriam deste fenômeno que ocorria principalmente durante o recreio escolar.

Quanto ao desempenho escolar identificou-se que os alunos que praticavam *Bullying* apresentaram maior risco de ficar em recuperação e de reprovar.

Acredita-se que as palestras educativas direcionadas a saúde devem ser consideradas como medidas essenciais para compor uma política de prevenção e redução desse tipo de comportamento em ambiente escolar. Isto de seve, pela importância na conscientização sobre o que é como ocorre, as causas e consequências biopsicossociais da violência escolar na vida e na saúde dos alunos, exemplificando possíveis formas para enfrentamento e redução do problema.

Diante das limitações, espera-se ter contribuído na conscientização de gestores, professores, pais e alunos e comunidade em geral quanto as consequências danosas à saúde que o *Bullying* possa vir a desencadear na vida das crianças e adolescentes. Nesse sentido, espera-se que esse estudo possa se tornar fomentador de discussões que culminem com a minimização desse tipo de violência no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

1. Charlot BA. Violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias* 2002; 4(8): 432-443.
2. Burguet M. Ante el conflicto...una apuesta por la educación. In: Vinyamata E. (Coord.). *Aprender del conflict: conflictologia y educación*. Barcelona: Editorial GRAÓ; 2003.
3. Tavares dos Santos JV. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa* 2001; 27(1): 105-122.
4. Chrispino A, Chrispino RSP. Políticas educacionais de redução da violência: mediação do conflito escolar. São Paulo: Biruta; 2002.
5. Chrispino A, Chrispino RSP. Mediação de conflitos: cabe à escola tornar-se competente para promover transformações. *Rev do Professor* 2004; 20(79): 45-48.
6. Leme MIS. Resolução de conflitos interpessoais: interações entre cognição e afetividade na cultura. *Psico: Reflexão e Crítica* 2004; 17(3) 367-380.
7. Olweus D, Limber SP. *Bullying in school: evaluation and dissemination of the*

- Olweus Bullying Prevention Program. *Am J Orthopsychiatry* 2010; 80:124-34.
8. Fante CAZ. Fenômeno bullying: Estratégias de intervenção e prevenção entre escolares (uma proposta de educar para a paz). São José do Rio Preto: Ativa; 2003.
9. Fante CAZ. Fenômeno bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Campinas, SP: Verus; 2005.
10. Lopes Neto AA, Saavedra LH. Diga não para o bullying: programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: Abrapia; 2003.
11. Lopes Neto AA. Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *J de Pediatria* 2005; 81(5): 164-172.
12. Mascarenhas S. Gestão do bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). *Psico, Saúde & Doenças* 2006; 7(1): 95-107.
13. Pizarro HC, Jiménez MI. Maltrato entre iguales en la escuela costarricense. *Rev Educación* 2007; 31(1): 135-144.
14. Almeida A, Lisboa C, Caurcel MJ. (2007). ¿Por qué ocurren los malos tratos entre iguales? Explicaciones causales de adolescentes portugueses y brasileños. *Rev Interamericana de Psicología* 2007; 41(2): 107-118.
15. Craig WM, Pepler DJ. Identifying and targeting risk for involvement in bullying and victimization. *Canadian J of Psychiatry* 2003; 48(9): 577-582.
16. Olweus D. A Profile of bullying at school. *Educational Leadership* 2003; 60(6): 12-17.
17. Martins MJD. O problema da violência escolar: Uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados. *Rev Port de Educação* 2005; 18(1): 93-105.
18. Rolim M. Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer [dissertação] Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
19. Berger KS. Update on bullying at school: Science forgotten? *Developmental Review* 2007; 27: 90-126.
20. Due EP, Holstein BE, Jorgesen OS. Bullying as health hazard among school children. *Ugeskr Laeger* 1999; 161:2201-2206
21. National Institute of Child Health and Human Development. Bullies, victims at risk for violence and other problem behaviors. Rockville: NIH; 2003.
22. Dawkins J. Bullying in school: doctor's responsibilities. *BMJ* 1995; 310: 274-275.
23. Chesson R. Bullying: the need for an interagency response - bullying is a social as well as an individual problem. *BMJ* 1999; 319:330-31.
24. Department of Education. Bullying: Peer abuse in schools. Source: Preventing Bullying - A Manual for Schools and Communities US Department of Education, 1998.
25. Pearce JB, Thompson AC. Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Arch Dis Child* 1998; 79:528-531.
26. Smith PK, Talamelli L, Cowie H, Naylor P, Chauhan P. Profiles of non-victims,

escaped victims, continuing victims and new victims of school bullying. *Br J Educ Psychol* 2004; 74:565-581.

27. Olweus D. *Bullying at school: tackling the problem*. Washington: OECD Observer; 2001.

28. Fekkes M, Pijpers FI, Verloove-Vanhorick SP. Bullying: who does what, when and where? Involvement of children, teachers and parents in bullying behavior. *Health Educ Res* 2005; 20: 81-91.

29. Heinrichs RR. A Whole-school approach to bullying: special considerations for children with exceptionalities. *Intervention in School and Clinics* 2003; 38 (4): 195-204.

30. Brasil. Lei n° 7.498, art. 11, j. Dispõe sobre a regulamentação do exercício de Enfermagem e da outras providências. Brasília: Ministério da Saúde; 1986.

31. Pereira BO. *Para uma escola sem violência: Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Porto: Imprensa Portuguesa; 2002.

32. Moura DR, Nova Cruz AC, Quevedo LA. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J de Pediatr* 2011; 87(1): 19-23.

33. Gomide PIC. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psico: Reflexão e Crítica* 2000; 13: 147-141.

34. Chaves SLE, Kelder S, Orpinas P. La relación entre juegos de videos violentos, la aculturación y la agresión entre adolescentes latinos. *Biomédica* 2000; 22: 398-406.

35. Bolsoni-Silva AJ, Marturano EM. A qualidade da interação pais e filhos e sua relação com problemas de comportamentos de pré-escolares. In: M. Bandeira, Z. A. Del Prette & A. Del Prette (Orgs.), *Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal*. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006.

36. Polônia AC, Dessen MA. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. *Psico Escolar e Educ* 2005; 9: 303-312.

37. Liang H, Flisher AJ, Lombard, CJ. Bullying, violence, and risk behavior in South African school students. *Child Abuse & Neglect* 2007; 31:161-171.

38. Vail K. How girls hurt. *American School Board Journal* 2002; 189(8), 14-18.

39. Gini G & Pozzoli T. The role of masculinity in children's bullying. *Sex Roles* 2006; 54: 585-588.

40. Barbosa MBA. Manifestações de violências em uma escola estadual: O fenômeno bullying. In: *Anais do IV Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade*; 2010; Laranjeiras, p. 1-14.

41. Heatherton TF, Wyland CL. Assessing self-esteem. In: S. J. Lopez; C. R. Snyder (Orgs.), *Positive psychological assessment: a handbook of models and measures* Washington: American Psychological Association: 2003. p. 219-233

42. Robin L, Toblina T, Schwartz D, Gorman AH, Abou-ezzedinea T. Social-cognitive and behavioral attributes of aggressive victims of bullying. *Ap Develop Psych* 2005; 26: 329-346.

43. Bolsoni-Silva AJ, Del Prette ZAP, Del Prette G, Montanher ARP, Bandeira M, Del

Prette A. A área das habilidades sociais no Brasil: uma análise dos estudos publicados em periódicos. In: M. Bandeira, Z. A. Del Prette, A. Del Prette (Orgs.), Estudos sobre habilidades sociais e relacionamento interpessoal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p.17-46

44. Cortez MB, Padovani RC & Williams LCA. Terapia de grupo cognitivo comportamental com agressores conjugais. Estudos de Psicol 2005; 22(1): 13-21.

45. Pepler DJ, Catallo R, Moore TE. Consider the children: research informing interventions for children exposed to domestic violence. In: Geffner RA, Jaffe PG, Sudermann M. (eds.) Children exposed to domestic violence: current issues in research, intervention and policy development. London: Haworth Maltreatment & Trauma, 2000. p.37-57.

46. Schwartz D. Difficult home environments and the development of aggressive victims of bullying. In: Kendall-Tackett KA, Giacomini SM. (eds.) Child victimization. Kingston: Civic Research Institute, 2005. p.1-19.

47. Marler C, Trainor BC, & Davis E. Paternal behavior and offspring aggression. Current Directions in Psychological Science 2005; 14(3), 163-166.

48. Watson MW, Andreas JB, Fischer KW & Smith K. Patterns of risk factors leading to victimization and aggression in children and adolescents. In K. A. Kendaall-Tackett & S. M. Giacomini (Eds.), Child victimization: Maltreatment, bullying and dating violence: Prevention and intervention. Kingston, NJ: Civic Research Institute. 2005. p.12.1-12.23

49. Gunnar M, Quevedo K. The neurobiology of stress and development. Annu Rev Psychol 2007; 58:145-73.

50. Rutter M. Epidemiological methods to tackle causal questions. Int J Epidemiol 2009; 38(1):3-6.

51. Bauer ME. Estresse: como ele abala as defesas do corpo. Cien Hoje 2002; 30(179):20-25.

52. Oppermann RV, Alchieri JC, Castro GD. Efeitos do estresse sobre a imunidade e a doença periodontal. Rev Fac Odontol 2002; 43(2): 52-59.

53. Clabaugh GK; Clabaugh AA. Bad apples or sour pickles? Fundamental attribution error and the Columbine massacre. Educ Horizons 2005; 83(2): 81-86.

54. Lickel B, Schmader T, Hamilton DL. A case of collective responsibility: Who else was to blame for the Columbine high school shootings? Personality and Social Psych Bulletin 2003; 29(2): 194-204.

55. Marques R. Virginia Tech: Anatomia de um massacre à luz da ética da virtude. Interações 2007; 5: 72-81.

56. Atirador era calado, tímido e vivia na internet . Estadão. Disponível em: Estadão com.br. Acesso em: 8 de abril de 2011.

57. Ramage, S. Why? After a heartbreaking tragedy at Virginia Tech, some experts offer answers. The Sunday Paper 2007; p. 1-4.

58. Borup I. Schoolchildren who are victims of bullying report benefit from health dialogues with the school health nurse. Health Education Journal 2007; 66(1):58.